

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO PANDÊMICO: “REINVENÇÃO” DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

REFLECTIONS ON EDUCATIONAL PRACTICES IN THE PANDEMIC CONTEXT: “REINVENTION” OF TEACHING IN HIGHER EDUCATION

Egleslaine de Nez ¹

Vanessa Gabrielle Woicolesco ²

Resumo: Ao final de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificou um novo tipo de coronavírus que repercutiu nas economias mundiais. Em março do ano seguinte, foi declarada a pandemia da Covid-19 que se espalhou por todas as regiões do planeta. A educação, assim como a sociedade, teve que se reorganizar em face do isolamento social. Todas as atividades foram paralisadas e se tornou um desafio de transição histórica de curto/médio e longo prazo. Este estudo objetiva refletir sobre as práticas educativas desenvolvidas nesse período, que foram induzidas a uma resignificação de seus processos, mediante o uso das tecnologias. Em 2022, a pandemia insiste em se consolidar de outras formas (cepas) e de modos intermitentes. Este estudo teórico-reflexivo foi constituído a partir de uma pesquisa bibliográfica, cujo intuito não foi de interpretar profundamente o fenômeno estudado, uma vez que não é possível solucioná-lo; mas, descrevê-lo de modo a contribuir para a compreensão da influência da pandemia nas práticas educativas na Educação Superior. Considera-se, nesse sentido, importante refletir em que medida as configurações dos contextos pandêmicos proporcionaram a “reinvenção” da docência também para os tempos futuros.

Palavras-chave: Pandemia. Práticas Docentes. Cenários Educativos.

Abstract: At the end of 2019, the World Health Organization identified a new type of coronavirus that had repercussions on world economies. In March of the following year, the Covid-19 pandemic was declared, which spread to all regions of the planet. Education, like society, had to reorganize itself in the face of social isolation. All activities were paralyzed and it became a short/medium and long term historical transition challenge. This study aims to reflect on the educational practices developed during this period, which were induced to re-signify their processes through the use of technologies. In 2022, the pandemic insists on consolidating itself in other ways (strains) and intermittently. This theoretical-reflective study was constituted from a bibliographical research, whose aim was not to deeply interpret the phenomenon studied, since it is not possible to solve it; but to describe it in order to contribute to the understanding of the influence of the pandemic on educational practices in Higher Education. In this sense, it is considered important to reflect to what extent the settings of pandemic contexts have provided the “reinvention” of teaching for future times as well.

Keywords: Pandemic. Teaching Practices. Educational Scenarios.

-
- ¹ Pós-doutora em Educação. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação (FACED). Líder do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UNEMAT/UFMT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6197279063733225>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0316-0080>. E-mail: e.denez@yahoo.com.br
 - ² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa PROEX/CAPES. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9434418247974552>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3058-8808>. E-mail: vanessawoicolesco@gmail.com

Introdução

O isolamento social é apenas físico. Ninguém precisa se isolar mental e nem virtualmente. Enquanto não melhora lá fora, vamos fazer o possível para melhorar aqui dentro (CARPINEJAR, 2020).

Carpinejar é um escritor brasileiro com vasta produção que encanta aos seus leitores. É famoso nas redes sociais por postar pequenos pensamentos escritos em guardanapos, que compartilha diariamente. Mestre em arquitetar crônicas e poesias para descrever o que enxerga ao redor, virou um consultor sentimental por sua capacidade de compreender o que o outro está sentindo e ter sempre um conselho e uma palavra que indica um caminho.

“Só o colo acalma a saudade.” O primeiro dos aforismos que deu origem ao título de sua obra “Colo, por favor!” aponta para um sincero objetivo: ser apoio emocional, um remédio para a saúde mental nestes tempos de pandemia. O excerto que compõem a epígrafe da introdução deste ensaio teórico foi retirado desse livro que trata sobre solidão e gentileza, medo e esperança, sentido de vida e falta de sentido, entre outras temáticas. É uma obra que inspira, emociona e serve de alento nos momentos de tantas perdas, e, foi escrito no período inicial do isolamento provocado pelo coronavírus.

Ao findar o ano de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Tratava-se de uma nova cepa que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, no início de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, que se alastrou rapidamente para todo o mundo (OPAS, 2022).

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), esse vírus é a segunda principal causa de resfriado comum, e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves do que um resfriado. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados, e o mais recente novo coronavírus (SARS-CoV-2) foi o responsável pela doença denominada Covid-19, e trouxe consequências para todas as esferas da vida social provocando uma emergência sanitária mundial (OMS, 2020).

Em meados de março de 2020, a OMS declarou a pandemia¹ da Covid-19 que se espalhou por diversas regiões do planeta. A educação teve que se reinventar em face do isolamento social e de uma quarentena intermitente ao longo de dois anos. As atividades educativas presenciais foram paralisadas, e sua manutenção durante o período pandêmico se tornou um desafio de transição histórica de curto/médio e longo prazo. Neste contexto, instalou-se uma crise sanitária internacional, a qual impôs um *lockdown* em várias capitais do Brasil e do mundo.

No início da pandemia, o tratamento da Covid-19 era complexo e experimental, em grande parte dos casos exigia respiradores artificiais e leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), e havia a ausência de vacinas. Diante desta situação, os clamores das instituições científicas de pesquisa e da OMS foram ouvidos, visto que não havia naquele momento, outra forma de impedir uma imensa catástrofe humanitária de alcance mundial do que as políticas de confinamento social (COLEMARX, 2020). Nesse ínterim, é que decorreu a escritura da obra de Carpinejar (2020), e, por esse motivo, é que se abrem os trabalhos reflexivos desse artigo com uma epígrafe de sua autoria.

Este estudo objetiva refletir sobre esse momento pandêmico vivenciado, especificamente sobre as práticas educativas desenvolvidas na Educação Superior neste período, que foram induzidas a uma ressignificação de processos e “reinvenção”, mediante o uso das tecnologias. A justificativa para este manuscrito se relaciona ao fato que o processo pandêmico completou dois

¹ A palavra tem sua origem no grego *pandēmías*, que significa “todo o povo” que é representada pela junção dos elementos gregos: “*pan*” - todo, tudo; e “*demos*” – povo (DICIONÁRIO, 2020). Nez, Fernandes e Woicolesco (2022) destacam que, historicamente, o termo foi usado pela primeira vez por Platão com um sentido genérico que se referiu a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. Na modernidade, trata de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha rapidamente, como foi a gripe espanhola e a influenza H1N1. Para a OMS (2020) corresponde à propagação de uma nova doença em muitos indivíduos, sem imunização em uma região específica. Segundo a OPAS (2022) é uma doença que se alastra em escala mundial em mais de dois continentes.

anos em março de 2022, e o vírus da Covid-19 insiste em se consolidar de outros modos e maneiras.

Em termos metodológicos, trata-se de estudo teórico-reflexivo constituído a partir de uma pesquisa bibliográfica, cujo intuito não foi de interpretar profundamente o fenômeno estudado, uma vez que não se busca solucioná-lo; mas, de descrevê-lo de modo a contribuir para compreender a influência da pandemia nas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, o artigo em questão está dividido em duas partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, apresenta-se o marco teórico-conceitual com alguns dados que caracterizam o momento mundial vivenciado na pandemia. A segunda parte enfatiza o marco teórico-reflexivo, sinalizando algumas discussões que ganham ressonância no processo de reconstrução de cenários educacionais, no que tange especificamente às práticas docentes na Educação Superior.

Marco teórico-conceitual: a Covid 19

“A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso” (SANTOS, 2020, p. 10 – grifos do autor).

O ano de 2020 teve início com dois grandes acontecimentos: a recessão econômica mundial e a perigosa difusão planetária da Covid-19. Estes dois acontecimentos interferiram no destino das nações que passaram pelo isolamento social e por uma longa quarentena. Alguns setores produtivos foram forçados a interromper seus processos de produção, fronteiras e comércios foram fechados, atividades culturais e educacionais suspensas por tempo indeterminado.

A rapidez com a qual o vírus se espalhou foi impressionante. Muitos países não estavam preparados para frear a propagação e evitar o colapso do sistema de saúde. Centenas de pessoas no mundo morreram decorrente dos problemas relacionados à pandemia. O Brasil chegou à marca de 1.200 mortes, em meados de maio de 2020, num dia apenas.

Nez e Morosini (2020) esclarecem que o crescimento exponencial do número de infectados, fez com que todos os países anunciassem gradativamente o fechamento das fronteiras e a restrição ao acesso aos seus territórios. O isolamento social mundial transformou a mobilidade em (i) mobilidade.

Uma imagem nunca antes imaginada registrou a nova realidade mundial vivenciada naquele momento. O distanciamento social, a etiqueta respiratória, a higienização das mãos, o uso de máscaras, a limpeza e a desinfecção de ambientes, o isolamento de casos suspeitos e confirmados e a quarentena, foram algumas das medidas recomendadas pelos órgãos de saúde a fim de conter a disseminação do vírus. Essas medidas trouxeram uma nova dinâmica para a vida da população em geral com relação às atividades presenciais e coletivas. Ainda hoje, em 2022, a prevenção do contato com pessoas infectadas ainda é considerada a melhor estratégia de contenção de diminuição do vírus (OMS, 2020).

O colapso dos mercados financeiros e da economia é uma ideia que há tempos assombra o planeta e agora está diretamente vinculada com a evolução do vírus no mundo. O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2020 demonstrou que o crescimento da desigualdade social em países em desenvolvimento já vinha desacelerando o desenvolvimento econômico e social. A pandemia apenas precipitou o momento de modo desenfreado.

Esse processo advém de uma combinação de problemas econômicos, sociais, relativos à insegurança, ausência de trabalho, disparidades de renda e a falta de oportunidades, entre tantos outros fatores. Antunes (2020) explicita que a crise do coronavírus, a recessão econômica e a interconexão profunda que há entre esses elementos, impactou profundamente na classe trabalhadora que expôs a letalidade da pandemia e estampou sua aguda tragicidade em relação ao trabalho.

Em relação ao impacto catastrófico no cenário internacional, Birman (2020) afirma que:

[...] promoveu ao mesmo tempo a suspensão relativa das práticas econômicas e das trocas sociais, em todos os continentes, pelo imperativo de ordem de isolamento social horizontal, que foi devidamente estabelecida pelo discurso da ciência e norteado institucionalmente pela Organização Mundial de Saúde. Em consequência disso, foram produzidas a *ruptura* e a *descontinuidade radical* das práticas de *sociabilidade* e dos *laços intersubjetivos* em todo o mundo, de forma a relançar e a rearticular em outras bases as coordenadas do processo civilizatório, em escala ampla, geral e irrestrita [...] (BIRMAN, 2020, p. 12 – grifos do autor).

Na América Latina, essa desigualdade resulta de um modo tardio de produção capitalista e das heranças coloniais, e agora, se avolumou com a pandemia. Isso implica na distribuição desigual da renda, do emprego, dos bens, dos serviços e, também, dos recursos produtivos. Quinzani (2020) destaca que a região convive com a pobreza e a miséria, as quais se tornaram intensas nesse período de recessão.

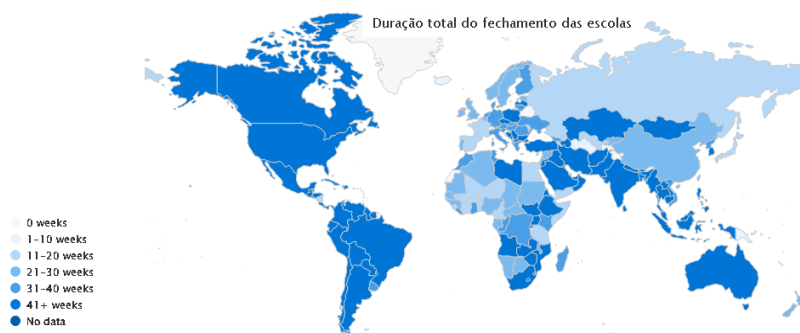
Milhões de pessoas morreram e inúmeras outras sofrem com a pobreza e o aumento da desigualdade social, principalmente, a população vulnerável, que ainda enfrenta a exclusão social além da discriminação. Senhoras (2020) esclarece que as políticas públicas se tornaram determinantes para o nivelamento social da população, que possui menores chances de produzir suas próprias formas de sobrevivência durante essa pandemia.

Frente ao crescimento exponencial do vírus, os trabalhadores mais pobres chegaram em grande quantidade às já degradadas unidades de saúde brasileiras, sucateadas por anos de desmonte neoliberal, e que, em vários estados já não possuíam antes disso leitos de UTI suficientes para o atendimento da população. No caso da pandemia, a situação piorou e foi trilhado um caminho inaceitável das “escolhas ditas racionais sobre os que sucumbirão sem cuidados” (COLEMARX, 2020, p. 7).

Uma das principais estratégias adotadas para conter a disseminação da Covid-19 foi o fechamento das instituições educativas com suspensão de todas as atividades presenciais. Esta medida impactou em cerca de 1,6 bilhões de estudantes em mais de 170 países. Nesse contexto, é importante salientar que, à medida que as escolas foram fechadas, dever-se-ia ter prestado atenção, especialmente aos mais vulneráveis e fragilizados, não apenas fisicamente, mas acadêmica e psicologicamente.

Na Figura 1 apresenta-se o mapa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sobre a duração em semanas do fechamento das escolas no mundo.

Figura 1. Duração total do fechamento das escolas mundiais durante a pandemia



Fonte: UNESCO (2022).

Conforme os dados da Figura 1, na América Latina e Caribe houve o fechamento total das instituições educacionais e 165 milhões de estudantes foram afetados (CEPAL, 2021). A interrupção das atividades presenciais nas instituições educativas brasileiras afetou 52.898.349 estudantes na Educação Básica e Superior, e neste último nível, 8.571.423 estudantes (UNESCO, 2021). À época,

o Banco Mundial defendia que a interrupção do calendário escolar por tempo indeterminado causaria perdas educacionais irreparáveis (COLEMARX, 2020), porém, foram fundamentais para a recuperação da população em termos de saúde física e mental.

Assim, foi necessário avançar para o ensino online com urgência e mesmo sem planejamento prévio. Guiñez-Cabrera e Mansilla-Obando (2022) destacam a diferença do cenário do ensino online daquele vivenciado durante a pandemia, sendo este último denominado ensino remoto emergencial (ERE).

Para a crescente lista de países que fecharam suas instituições escolares, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ofereceu soluções tecnológicas para o processo de ensino e aprendizagem. Como exemplos, seguem algumas delas: a França criou a plataforma digital “*Ma classe à la maison*” (minha sala de aula em casa). Usando um computador, tablet ou celular, os alunos acessaram uma conta individual que fornecia cursos com conteúdo pedagógico.

As parcerias público-privadas cresceram exponencialmente em muitos lugares no mundo durante o período pandêmico, incluindo os fornecedores de telecomunicações, para permitir o acesso gratuito à banda larga para fins educacionais. Além disso, as grandes plataformas, como Google e Microsoft, também ajudaram a expandir sua oferta de ferramentas digitais para a educação e o trabalho.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC), por meio da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizou que instituições de ensino que antes da pandemia atuavam apenas no formato presencial a aderirem ao ensino remoto. Essa readequação teve como finalidade conter a disseminação do vírus, priorizando o desenvolvimento de atividades à distância para todos os níveis de educação (BRASIL, 2020).

A adoção repentina do ERE nas escolas e instituições de Educação Superior (IES) permitiu que o ano/semestre letivo não fosse interrompido por tempo indeterminado. Para isso, foram utilizadas plataformas tecnológicas como *Zoom*, *Google Meet*, *Microsoft Teams*, entre outras, para dar continuidade à conexão entre alunos, docentes e funcionários, e a fim de acompanhar o processo de ensino e de aprendizagem.

Todavia, Silva e Ribeiro (2020, p. 9) consideram que o ensino remoto possui características que dificultam de algum modo o processo de aprendizagem, pois “a interação entre professor e estudante forma o centro do processo educativo”. Durante a pandemia, com a adoção do ERE, o convívio entre docentes e discentes foi comprometido e a não presencialidade afetou essa relação.

À medida que a interação foi afetada, houve perdas no processo de ensino e de aprendizagem, tendo em vista que este ocorre a partir de uma relação dinâmica, pautada na confiança, afetividade e respeito. Algo bem pouco provável dentro do período pandêmico, visto que os abraços e qualquer contato físico não foram incentivados ao longo dos dois anos iniciais.

Ainda em outubro de 2020, houve um retorno gradual das atividades presenciais em algumas instituições educacionais, obedecendo a um rigoroso controle sanitário. Nos termos definidos pelo Parecer CNE/CP nº 5/2020, essa retomada presencial foi acompanhada da elaboração de planos de biossegurança, de acordo com as medidas estabelecidas pelos protocolos e autoridades locais (BRASIL, 2020). Foram colocados em prática arranjos alternativos para o desenvolvimento das ações educativas, que vem gradativamente retornando à “normalidade” desde então.

Para Woicolesco, Morosini e Marcelino (2021) é nítido que a pandemia deixou marcas profundas no Sul Global e que de alguma forma repercutiu na Educação Superior. Os países latino-americanos foram os mais afetados com a doença, pois possuem um sistema de proteção social e economias frágeis. A pandemia impôs aos países desta região a obrigação de prover recursos e políticas para o combate da crise, que incluíram medidas de proteção à vida, proteção social, emprego, renda, economia, educação, pesquisa, sanitárias, entre outras, e como consequência, haverá o agravamento das “condições de vida, así como substanciales aumentos de la desocupación, la pobreza e las desigualdades” (OCDE, 2021, p. 16).

Os impactos nas IES latino-americanas também foram expressivos. No mapa que segue (figura 2), é demonstrada como estão operando estas instituições durante a pandemia da Covid-19, tendo como base dados atualizados em dezembro de 2021.

Figura 2. Mapa da reabertura das instituições de Educação Superior na América Latina e Caribe



Fonte: IESALC-UNESCO (2022).

No Brasil, conforme o mapa do IESALC-UNESCO (2022), o conjunto das IES está parcialmente aberto. Em algumas instituições o ensino híbrido está implementado nos cursos de graduação e pós-graduação, e a estratégia de retomada das atividades acadêmicas está vinculada a autonomia universitária e aos protocolos sanitários dos municípios e estados. Para a CEPAL (2021, p. 14) essa situação traz prejuízos para a “aprendizagem e nas habilidades, a progressão ao longo da trajetória formativa e a conclusão dos níveis educativos”, principalmente na Educação Superior.

Neste contexto, as IES foram intimadas a participar e contribuir no desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao coronavírus, à educação, à economia, entre outras áreas, tendo como mote a sobrevivência da população mundial durante e pós-pandemia. A velocidade de resposta para a manutenção das atividades acadêmicas esteve relacionada às capacidades técnicas, tecnológicas e ao domínio do modelo de educação à distância e/ou online já existentes nas IES.

A humanidade esteve diante da maior catástrofe desde a Segunda Guerra Mundial. Foi um tempo de emergências e escolhas difíceis! O governo reafirmou seu credo “ultraneoliberal” excluindo ainda mais os desprovidos economicamente. Não foram contempladas soluções para os problemas de saúde e, muito menos a crise econômica, deste modo, naturalizou-se o “darwinismo social”, embora isso tenha custado a vidas de inúmeras pessoas no mundo. Mas, essa foi a alternativa encontrada para manter o mercado em atividade naquele período (COLEMARX, 2020).

Somando-se a isso, aportou-se um conflito de proporções mundiais. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, ordenou a invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022 e consolidou uma crise militar grave, que já dura mais de cem dias no continente europeu, e que não existia desde a segunda guerra mundial (BBC NEWS, 2022). Acirram-se as desigualdades mundiais, tanto a econômica quanto as sociais e educacionais. Esse conflito ainda persiste sem avanços ou sinais de paz e com destruição dos países e sofrimento da população.

Marco teórico-reflexivo: a vivência e as ações

Ele não é apenas um quadro de vida, mas um **espaço vivido**, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre

o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 56 – grifos nossos).

Nas últimas décadas o campo da Educação Superior está imerso numa conjuntura marcada por transformações sociais, históricas, políticas, econômicas e educacionais e que tem influenciado no seu desenvolvimento (BOLZAN, 2016). Em um cenário de constantes mudanças, agora mais acelerado com a pandemia, os contextos emergentes apresentam desafios, reivindicando das instituições a reorganização de suas políticas e práticas, e principalmente aos docentes, propondo a reconfiguração de sua atuação profissional no ensino, pesquisa e extensão.

Os condicionantes e determinantes que envolvem os contextos emergentes “tencionam e desafiam a reconfiguração de modos singulares de produção da vida cotidiana da/na docência nos diferentes âmbitos escolares/institucionais e representam um desafio para o exercício da docência universitária” (BOLZAN; POWACZUK, 2021, p. 52). Esse quadro foi impulsionado a partir dos anos 2000, quando foram implementados programas e políticas governamentais² que contribuíram para a expansão da Educação Superior.

Este panorama reforçou a necessidade de o desenvolvimento profissional docente acompanhar a tendência de crescimento e diversificação do público estudantil neste período. O perfil foi modificado a partir deste cenário, e trouxe implicações para a atuação dos docentes, que experimentam situações marcadas pelas demandas e particularidades deste público e da própria profissão.

E aí, de repente, a Terra parou³! A pandemia se iniciou e conforme já explicitado, ressignificou tudo! Santos e Silveira (2008) comentam na epígrafe desta reflexão teórica-reflexiva, que o espaço vivido é uma experiência renovada. A Covid-19 fez com que as heranças fossem avaliadas, e, principalmente o futuro fosse indagado, levando em consideração que a existência (vida) exerceu um papel revelador e determinante de como se encaminharia o futuro da educação mundial.

Arruda (2020) esclarece que diferentemente da educação à distância, o ensino remoto que foi praticado no período pandêmico se caracterizou pela transmissão em tempo real das aulas (síncronas). Isso quer dizer que o docente e os estudantes tiveram a possibilidade de interagir, a partir do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs)⁴, nos mesmos dias e horários em que as aulas da disciplina estavam programadas para ocorrer presencialmente.

É importante destacar que não está em questão a relevância das tecnologias para a vida social e, especificamente, para a educação. A ciência, a pesquisa, a arte e a cultura são indissociáveis das tecnologias que, neste sentido, podem e devem ser incorporadas no espaço escolar. Assim, a defesa no início do século XXI, é que,

[...] acesso à internet é um direito fundamental, a exemplo dos direitos, ainda não assegurados, à água potável, à rede de esgoto, à energia, ao transporte. Considerando as crianças e jovens, esse direito é ainda mais urgente e deve ser assegurado pelo Estado, por se tratar de um serviço de crucial relevância. Complementarmente, os meios tecnológicos para interação criativa na internet devem ser popularizados e assegurados para **todos os estudantes** [...] (COLEMARX, 2020, p. 8 – grifos nossos).

2 Fundo de Financiamento Estudantil (FIES); Programa Universidade para Todos (PROUNI); Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); e o Sistema de Seleção Unificado (SiSU).

3 Letra da música “O dia em que a Terra parou”, lançada por Raul Seixas em 1977, no disco de mesmo nome.

4 Oliveira (2021) caracteriza as TICs como procedimentos, métodos e equipamentos para processar informação e comunicar que surgiram no contexto da Revolução Informática, Revolução Telemática ou Terceira Revolução Industrial. Estes foram desenvolvidos na segunda metade da década de 70 e, principalmente, nos anos 90. Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som.

Além da questão do acesso, outro fator determinante no processo de “reinvenção” das práticas pedagógicas dos docentes que atuam na Educação Superior no cenário de isolamento social, foi a necessidade de aprender a lidar com os dispositivos que possuíam para trabalhar naquele momento. “Apesar da maioria dos professores possuir celular e notebook para trabalhar de casa, chama atenção o alto percentual de professores que precisam compartilhar seus equipamentos com a família” (INSTITUTO PENÍNSULA, 2022, p. 22).

Esses movimentos geraram o que Santos e Silveira (2008), em epígrafe desta parte do artigo sugerem, que não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido e de experiência renovada. Permitindo, deste modo, a indagação sobre o presente e o futuro.

O contexto da pandemia promoveu o uso de ambientes virtuais, que foram disponibilizados rapidamente para professores e alunos de todos os níveis, para que pudessem naquele momento dar continuidade aos processos educacionais, visto que o retorno da modalidade presencial, conforme indicado nas figuras 1 e 2, demoraram um pouco para acontecer.

Colocando o uso da tecnologia em primeiro plano na área educacional, Arce e Guiller (2015) já apontavam em estudos anteriores que a tecnologia deve estar a serviço dos propósitos educativos, permitindo que os professores tenham liberdade para tomar decisões pedagógicas e didáticas que vão além de modelos educacionais onde os docentes são meros transmissores de informações.

Con un planteamiento similar, Expósito explica que la educación en línea debe pasar por una “adecuación de la docencia y un ajuste de los procesos y materiales empleados” para evitar que el uso de herramientas diferentes de comunicación suponga, simplemente, el uso de una videoconferencia o plataformas virtuales que apenas son herramientas complementarias de comunicación (PALACIOS; ALVARADO, 2022, p. 7 – grifos do autor).

Pereira e Silva (2020) também destacam que o bom andamento do ensino e do aprendizado são decorrentes do bem-estar físico e mental do professor, devido às inúmeras atribuições que exerceu desde o início da pandemia. Deve ser levado em consideração o bem-estar como atributo para o desempenho da função docente.

Martínez *et al.* (2015, p. 81) reporta que há indicadores para identificar boas práticas em ambientes virtuais, entre eles, destacam-se:

[...] usar diferentes recursos para mediar el aprendizaje de los contenidos, espacios como foros, plataformas para mensajería instantánea, correo electrónico y otros que permitan la comunicación entre estudiantes y su docente; asimismo, resaltan la idea de que el personal docente debe respetar las diferentes formas de aprender del estudiantado.

Retoma-se, então, a defesa de Carpinejar (2020, p.3) quando o autor diz que o isolamento social pode ser apenas físico. Mas, que ninguém precisa se isolar mental e virtualmente. Existe, deste modo, a possibilidade de um encontro mediado pelas tecnologias e que foi necessário ocorrer desta forma neste momento histórico, para “fazer o possível para melhorar aqui dentro!”.

Mesmo diante dos estudos preliminares⁵ que discutem e refletem acerca dos desdobramentos do ensino on-line durante a pandemia, foram identificadas questões que sugeriram a necessidade de intervenções, recriações e reinvenções a serem implementadas nos âmbitos individual e coletivo, com o intuito de permitir a continuidade do ensino e proporcionar a aprendizagem nesse período.

Deste modo, foram readequadas práticas que já vinham acontecendo ao longo dos últimos anos, como informa Arce y Guiller (2015, p. 5),

5 Santana et all (2022), ao investigarem os desdobramentos do ensino on-line durante a pandemia, destacam que as falas dos docentes que participaram da pesquisa denotam questões relacionadas à sentimentos negativos frente às incertezas vivenciadas; à sobrecarga de trabalho e conflitos pessoais e profissionais que estão relacionadas a qualidade de vida.

Diseños que centran sus estrategias en trabajos de construcción colectiva de conocimiento de los estudiantes, en espacios que favorecen la interacción y el intercambio de experiencias y saberes, en torno a ejes de problematización y discusión; producciones colaborativas en diferentes lenguajes y formatos hipermediales que tienen lógicas y modos de construcción particulares; uso de recursos y de espacios en la web que trascienden las aulas virtuales; promoción de experiencias y prácticas en entornos tecnológicos que representan desafíos para los estudiantes, donde deben desplegar nuevas estrategias, construir nuevos significados para buscar, participar, investigar, producir, colaborar, construir con otros.

Isto porque a docência, na Educação Básica e, em especial na discussão desse artigo na Superior, se constitui no bojo das interações humanas e sociais, sendo “influenciada pelos contextos nacional e internacional e pelos campos científico e institucional no qual está inserida” (CUNHA; BOLZAN; ISAIA, 2021, p. 275).

A docência universitária é uma atividade tecida na dinâmica das interações com os pares, estudantes, instituições e sociedade. Possui uma natureza social, que segundo Isaia, Maciel e Bolzan (2012, p. 171) envolve “uma multiplicidade de saberes (inclusive os pedagógicos), competências apropriadas e atitudes pertinentes, compreendidas em suas relações, configurando-se como um trabalho essencialmente interativo”.

A identidade do docente que atua na Educação Superior repousa no conhecimento de sua especialidade científica, e “a atitude que os professores assumem perante o ensino repercute na forma como ensinam e, conseqüentemente, na aprendizagem dos seus alunos” (ARBESÚ-GARCÍA; RIVERA-MORALES, 2021, p. 235). Numa situação de pandemia, isso se acirra ainda mais. Nesta direção, a afirmação é extremamente pertinente, visto que o que identifica o professor não é o fato de ser *expert* em um conteúdo, mas de ser um profissional que, alicerçado em saberes específicos da profissão, são responsáveis pela mediação dos processos formativos.

Nesse contexto emergencial da Covid-19, o desafio da docência foi a integração das dimensões do processo de ensino e de aprendizagem aos dilemas qualidade, equidade e compromisso social para todos os estudantes, mesmo os que não tinham os equipamentos e as condições de acesso necessárias para estudar durante o ERE.

Bolzan e Isaia (2018, p. 15) já argumentavam que, cada vez mais, existe a necessidade de “inclusão acadêmica dos grupos sociais discriminados, demarcando ‘novas formas’ de acesso à educação superior, tendo como premissa interagir com a diversidade na perspectiva de inclusão das diferenças” (grifos das autoras). Quando se incorpora a pandemia, essa condição reivindica uma reinvenção da docência, que em nossa análise, aconteceu.

Este contexto contribuiu para a reinvenção da docência, do seu papel nos processos de ensino e de aprendizagem, a partir dos saberes necessários ao enfrentamento da complexidade exigida. A emergência de uma reconfiguração da docência a partir destes condicionantes também esteve atrelada ao fato de um dos propósitos da educação ser a sua contribuição efetiva “para uma maior democratização da sociedade com estratégias para superar – ou pelo menos reduzir – as desigualdades sociais existentes e os processos de pobreza e marginalidade”. (LAMARRA, 2021, p. 99). A docência, ao ser considerada como uma das funções essenciais das IES, exerce protagonismo neste processo.

Esta foi uma realidade que trouxe inúmeras implicações para os processos de ensino e de aprendizagem na Educação Básica e Superior, e que foram exponencialmente multiplicados durante o período de isolamento social. No âmbito do ensino, aos docentes foi exigido a escolha de metodologias, recursos e processos avaliativos adequados ao ensino remoto. Para Nez, Fernandes e Woicolesco (2022, p. 18-19),

Houve um esforço dos docentes para readequação e rearticulação curricular levando em consideração o contexto no qual os estudantes estavam inseridos. [...] a pandemia

exigiu um modelo pedagógico próprio e emergente, o qual foi denominado de ERE. Com ele, afloraram reinvenções curriculares e práticas pedagógicas. As metodologias foram adequadas as possibilidades de aprendizagem possíveis pela mediação das tecnologias e dentro das condições existentes.

As autoras acrescentam ainda que os aprendizados e boas práticas experienciadas durante a pandemia da Covid-19 no context educacional precisam ser valorizadas em um movimento por “superar, reinventar e ressignificar as práticas pedagógicas com vistas à socialização do conhecimento de forma sustentável e menos desigual (NEZ; FERNANDES; WOICOLESCO, 2022, p. 19).

Sintetizando, é possível dizer que reinventar a docência no contexto da Educação Superior demandou a incorporação de ações e de práticas relacionadas à situação vivenciada. Agregar isso possibilitou o reexame de convicções e práticas relacionadas ao uso das tecnologias, utilizando-as enquanto recurso pedagógico. Estes foram alguns dos movimentos que constituíram a reinvenção da docência e configuram os diferentes saberes necessários para o exercício profissional no ambiente pandêmico.

Considerações Finais

O colo do sol, o colo no parque olhando as nuvens, o colo na praia escutando as ondas, o colo do vento passando e nos despertando fome, o colo de sair do cansaço, o colo de dar a volta por cima, o colo da normalidade, o colo do mundo (CARPINEJAR, 2020, p. 3).

Dois anos se passaram e a pandemia ainda não acabou! O que é possível dizer hoje, considerações ainda que não finais, pois no mês de abril de 2022, outra situação alarmante da Covid-19 faz o mundo ficar em alerta, o isolamento social foi retomado em Xangai (China) e permaneceu por dois meses. O *lockdown* de Xangai e as restrições em várias outras cidades chinesas atingiu a segunda maior economia do mundo.

Segundo a CNN Brasil (2022) suspender as cadeias de suprimentos globais mesmo que afete os mercados internacionais é um símbolo da política de tolerância zero do país contra o vírus. Isso significa interromper a cadeia de transmissão a qualquer custo, mesmo quando uma grande parte do mundo tenta voltar ao normal, apesar da continuidade das infecções.

Vivem-se momentos de crise, choques potenciais previstos por pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Em breve, olhar-se-á para trás e observar-se-á o que foi aprendido com essa experiência e como fazer melhor no futuro. A curto prazo é preciso assegurar as escolas e as crianças a aprendizagem e a saúde.

À medida que se avançou nesse período incerto, identificou-se a permanência clara do pensamento de que a pandemia é uma alegoria. Para Santos (2020, p. 10), o sentido literal da pandemia do coronavírus é o “medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível”.

A Educação Superior é estratégica para as transformações sociais que visem superar as assimetrias sociais, econômicas, políticas e culturais, permitindo o acesso e a permanência de todos a este nível de ensino, enquanto um direito humano social e universal. Aportando-se na finalidade deste ensaio teórico, que buscou refletir sobre esse momento pandêmico, especificamente sobre as práticas pedagógicas na Educação Superior, identificou-se uma ressignificação dos processos, mediante o uso das tecnologias.

Diante das atuais exigências que são impostas à Educação Superior, uma estratégia que buscou a melhoria da qualidade e relevância da educação em uma sociedade baseada no conhecimento é o reexame das práticas e convicções dos docentes universitários. Isso contribuiu a fim de que as características de seus estudantes sejam incorporadas às práticas pedagógicas, pois, uma de suas funções é preparar as futuras gerações para o domínio do conhecimento técnico-científico das distintas áreas do conhecimento, exercício profissional e da cidadania.

Diante do quadro de imensa gravidade, os professores e os estudantes têm uma

responsabilidade, refletir que a saída dessa complexa crise somente será possível com o fortalecimento do que é comum a todos. Isso requer a solidariedade, notadamente no interior da classe trabalhadora que mais sofre as consequências da pandemia, conjuntamente com os excluídos socialmente (COLEMARX, 2020).

A aposta é construir uma sociedade livre, justa e solidária para que, possa garantir o desenvolvimento mundial. Talvez, então, acalorados de um sentimento de esperança, seja possível erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais, promovendo o bem de todos que tanto foram prejudicados na pandemia.

Referências

ANTUNES, R. O vilipêndio do coronavírus e o imperativo de reinventar o mundo. *In*: TOSTES, A.; MELO FILHO, H. (Orgs.) **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Projeto Editorial Práxis e Canal 6, 2020.

ARBESÚ GARCÍA, M.I.; RIVERA-MORALES, A. Prácticas-reflexivas sobre la docencia en el aula universitária. *In*: LAMARRA, N.F.; NOSIGLIA, M.C.; PEREZ-CENTENO, C.; RUEDA-BELTRÁN, M. **Evaluación, desarrollo, innovación y futuro de la docencia universitária** (pp. 235-247). Red Iberoamericana de Investigadores en Evaluación de la Docencia. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial FEDUN, 2021. p. 235-247.

ARCE, D. M.; GUILLER, C. Los entornos virtuales: nuevos escenarios de enseñanza y aprendizaje en la Universidad. **Actas de Periodismo y Comunicación**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/actas/article/view/2949>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341411723_EDUCACAO_REMOTA_EMERGENCIAL_elementos_para_politicas_publicas_na_educacao_brasileira_em_tempos_de_Covid-19. Acesso em: 14 set. 2020.

BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60613575>. Acesso em: 06 mar. 2022.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

BOLZAN, D. P. V. **Docência e processos formativos**: estudantes e professores em contextos emergentes. Projeto de Pesquisa. Universal – MCTI/CNPq n. 01/2016. UFSM, 2016.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. **Desenvolvimento profissional docente e contextos emergentes**. Asociación de Estudios Latino-Americanos, Barcelona. Anais [...]. Barcelona: 2018. p. 1-21.

BOLZAN, D. P. V.; POWACZUK, A. C. H. **Contextos emergentes e a reinvenção da docência**: desafios da/na cotidianidade. *In*: BOLZAN, D. P. V.; POWACZUK, A. C. H.;

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC n. 343, de 17 março de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 16 set. 2021.

CARPINEJAR, F. **Colo, por favor!** São Paulo: Planeta, 2020.

CEPAL. **Panorama social de América Latina 2020**. Santiago: CEPAL, 2021. Disponível em: <https://>

www.cepal.org/es/publicaciones/46687-panorama-social-america-latina-2020. Acesso em: 01 mar. 2021.

CNN BRASIL. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/com-epidemia-sob-controle-xangai-planeja-encerrar-lockdown-ate-o-fim-de-maio/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

COLEMARX. Coletivo de estudos em marxismo e educação. **Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social**: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. Rio de Janeiro, 2020.

CUNHA, M. I.; BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. Professor da educação superior. MOROSINI, M. C. (org.) **Enciclopédia brasileira de educação superior** (pp. 274 – 346). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

DALLA CORTE, M. G. **Singularidades da formação e do desenvolvimento profissional docente**: contextos emergentes na educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>. Acesso em: 18 out. 2020.

GUIÑEZ-CABRERA, N.; MANSILLA-OBANDO, K. Explorando la satisfacción y la insatisfacción del estudiantado universitario en enseñanza remota de emergencia. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 22, n. 1, p. 1 – 28, 2022. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/aie/article/view/49066>. Acesso em: 01 mai. 2022.

HOFFMANN, Y. T. Desvelar o óbvio: o abismo social e educacional na pandemia. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16152>. Acesso em 08 mai. 2022.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório de pesquisa**: sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil. Disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wpcontent/uploads/2020/05/Covid19_InstitutoPeninsula_Fase2_at%C3%A91405.pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

ISAIA, S. M. A.; MACIEL, A. M. R.; BOLZAN, D. P. V. Qualidade na formação e no desenvolvimento profissional: do ideal ao real no cenário da Educação Superior. CUNHA, M. I.; BROILO, C. L. (Orgs.). **Qualidade da educação superior**: grupos investigativos internacionais em diálogo. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012. (pp. 167-187).

LAMARRA, N. F. Universidad, calidad y futuro en América Latina: repensando la evaluación de la docencia desde una mirada innovadora. LAMARRA, N.F.; NOSIGLIA, M.C.; PEREZ-CENTENO, C.; RUEDA-BELTRÁN, M. **Evaluación, desarrollo, innovación y futuro de la docencia universitaria** (pp. 95-111). Red Iberoamericana de Investigadores en Evaluación de la Docencia. Buenos Aires: Editorial FEDUN, 2021.

MARTÍNEZ, A. G.; *et al.* Buenas prácticas en los entornos virtuales de enseñanza-aprendizaje. **Revista Cubana de Educación Superior**, v. 34, n. 3, p. 76 - 88. 2015. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0257-43142015000300006. Acesso em: 15 abr. 2022.

NEZ, E.; FERNANDES, C. M. B. WOICOLESCO, V. G. Currículo e práticas na educação superior no contexto da pandemia da COVID-19. **Revista Internacional de Educação Superior (RIESup)**, v. 8, p. 1 - 22. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8663809>. Acesso em: 15 jan. 2022.

NEZ, E.; MOROSINI, M. C. Programa institucional de internacionalização (PRInt): análises frente a uma pandemia. **Debates em Educação**, v. 12, n. 28, p. 77-94, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10397>. Acesso em: 10 out. 2021.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Disponível em: <https://www.oecd.org/latin-america/paises/brasil-portugues/>. Acesso em: 14 set. 2021.

OLIVEIRA, E. S. G. O desafio da mediação tecnológica na nova normalidade educacional: por uma educação para Polegarzinha. OLIVEIRA, E. S. G. (org.). **Ensinar e aprender com mediação das tecnologias no tempo de “novas normalidades”**: experiências e reflexões em variados cenários. Curitiba: Bagai, 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/origins-of-the-virus>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. **World social report 2020**: inequality in a rapidly changing world. Disponível em: https://www.un-ilibrary.org/economic-and-social-development/world-social-report-2020_7f5d0efc-en. Acesso em: 14 mai. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa sobre a covid-19, histórico da covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 03 mai. 2022.

PALACIOS, M. D. P.; ALVARADO, P. A. C. Práctica preprofesional en la Universidad Nacional de Educación (UNAE): análisis y reflexiones de la modalidad virtual en tiempos de pandemia. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 22, n. 1, p. 1-27, 2022.

PEREIRA, G. P.; SILVA, C. M. G. D. Prática de atividade física e qualidade de vida no trabalho do docente universitário: revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, 74997-75013, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17750/14391>. Acesso em: 28 mar. 2022.

QUINZANI, M. A. D. O avanço da pobreza e da desigualdade social como efeitos da crise da covid-19 e o estado de bem-estar social. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 6, p. 43-47, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/121>. Acesso em: 8 mai. 2022.

SANTANA, L. L.; *et all.* Fatores intervenientes na qualidade de vida docente durante a pandemia da COVID-19. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 22, n. 1, p. 1-32, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/447/44769515009/html/>. Acesso em 28 mar. 2022.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

SENHORAS, E. M. Novo coronavírus e seus impactos econômicos no mundo. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 2, p. 39-42, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/174>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SILVA, A. S.; RIBEIRO, M. L. Relação professor-estudante no ensino superior: uma revisão de literatura. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 1-10, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/34309>. Acesso em: 15 fev. 2022.

UNESCO. **Coalização global da educação**. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse#durationsschoolclosures>. Acesso em: 04 mai. 2022.

UNESCO. **COVID-19 Impact on Education**. 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 29 mai. 2022.

WOICOLESCO, V. G.; MOROSINI, M.; MARCELINO, J. M. COVID-19 and the crisis in the internationalization of higher education in emerging contexts. **Policy Futures in Education**, v. 20, n. 4, p. 433-442, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14782103211040913?journalCode=pfea>. Acesso em: 8 mar. 2022.

Recebido em 06 de junho de 2022.

Aceito em 29 de julho de 2022.